



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - UFG  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS – FAV  
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

**ENTRE CRIAR E MOVER-SE:**  
REVERBERAÇÕES TRANSDISCIPLINARES DO MOVIMENTO HIP HOP PARA O  
ENSINO DAS ARTES VISUAIS

Poliane Lima Macedo

GOIÂNIA  
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES  
ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO  
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

**1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)**

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **Poliane Lima Macedo**

Título do trabalho: ENTRE CRIAR E MOVER-SE: REVERBERAÇÕES TRANSDISCIPLINARES DO MOVIMENTO HIP HOP PARA O ENSINO DAS ARTES VISUAIS

**2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)**

Concorda com a liberação total do documento [ X ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

**Casos de embargo:**

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Poliane Lima Macedo, Discente**, em 28/02/2023, às 20:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Henrique Arantes Araujo Olivieri, Professor do Magistério Superior**, em 28/02/2023, às 21:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3505350** e o código CRC **D9A8D5EC**.

**Referência:** Processo nº 23070.006308/2023-35

SEI nº 3505350

[https://sei.ufg.br/sei/controlador.php?acao=documento\\_imprimir\\_web&acao\\_origem=arvore\\_visualizar&id\\_documento=3797752&infra\\_sistema=10000100&i...](https://sei.ufg.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=3797752&infra_sistema=10000100&i...) 2/2

**ENTRE CRIAR E MOVER-SE:  
REVERBERAÇÕES TRANSDISCIPLINARES DO MOVIMENTO HIP HOP PARA O  
ENSINO DAS ARTES VISUAIS**

Poliane Lima Macedo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Licenciatura em Artes Visuais da  
Universidade Federal de Goiás como um dos  
requisitos à obtenção do título de Licenciada em  
Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Henrique Arantes Araujo  
Olivieri

GOIÂNIA  
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Macedo , Poliane Lima  
ENTRE CRIAR E MOVER-SE: [manuscrito] : REVERBERAÇÕES  
TRANSDISCIPLINARES DO MOVIMENTO HIP HOP PARA O  
ENSINO DAS ARTES VISUAIS / Poliane Lima Macedo . - 2023.  
XLV, 47 f.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Henrique Arantes Araújo Olivieri .  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais,  
Goiânia, 2023.

Inclui siglas, lista de figuras.

1. BNCC. 2. Ensino de Artes Visuais. 3. Transdisciplinaridade. 4.  
Movimento Hip Hop. I. Olivieri , Luiz Henrique Arantes Araújo, orient.  
II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

### ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao(s) nove dia(s) do mês de fevereiro do ano de 2023 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “ENTRE CRIAR E MOVER-SE: REVERBERAÇÕES TRANSDISCIPLINARES DO MOVIMENTO HIP HOP PARA O ENSINO DAS ARTES VISUAIS”, de autoria de **Poliane Lima Macedo**, do curso de Licenciatura em Artes Visuais, do(a) Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo(a) prof. dr. Luiz Henrique Arantes Araujo Olivieri – orientador (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: profa. dra. Alice Fátima Martins (FAV/UFG) e profa. dra. Noeli Batista dos Santos (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final, tendo sido o TCC considerado **aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Alice Fatima Martins**, Professora do Magistério Superior, em 27/02/2023, às 18:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Noeli Batista Dos Santos**, Professora do Magistério Superior, em 27/02/2023, às 21:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Henrique Arantes Araujo Olivieri**, Professor do Magistério Superior, em 28/02/2023, às 21:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 3505253 e o código CRC B3D9CE4F.

## **RESUMO**

A pesquisa surge a partir de inquietações sobre a minha futura atuação como docente, ao final do curso de Licenciatura em Artes Visuais. Durante a formação, realizei, em paralelo, estudos de danças em espaços não formais de ensino e essas experiências conjuntas me levaram a refletir sobre a transdisciplinaridade. Como sujeito da pesquisa, fundamento questões sobre a transdisciplinaridade no âmbito individual e coletivo dentro do ensino de arte. Investigo o Hip Hop como exemplo de prática artística e pedagógica transdisciplinar, onde as artes visuais, a dança e a música, influenciadas umas às outras, resultam em um território em constante movimento. Tecer esse caminho me fez olhar também para a Base Nacional Comum Curricular e questioná-la quanto à presença de propostas transdisciplinares no documento. Ao final, reverberações conclusivas apontam para as questões éticas, críticas, subjetivas e políticas necessárias para um ensino transdisciplinar.

### **PALAVRAS-CHAVE**

BNCC; Ensino de Artes Visuais; Transdisciplinaridade; Movimento Hip Hop

## **ABSTRACT**

The research arises from concerns about my future work as a teacher, at the end of the Degree in Visual Arts. During training, he carried out parallel studies of dances in non-formal teaching spaces. These joint experiences led me to reflect on transdisciplinary. As a research subject, I raise questions about transdisciplinarity in the individual and collective scope within art teaching. It investigates Hip Hop as an example of transdisciplinary artistic and pedagogical practice, where the visual arts, dance and music, influenced by each other, result in a territory in constant movement. Weaving this path also made me look at the National Common Curricular Base and question it regarding the presence of transdisciplinary proposals in the document. In the end, conclusive reverberations point to the ethical, critical, subjective and political issues necessary for a transdisciplinary teaching.

## **KEY WORDS**

BNCC; Visual Arts Teaching; Transdisciplinarity; Hip Hop Movement;

## **LISTA DE SIGLAS**

B-boy Breaker Boy

B-girl Breaker Girl

BNCC Base Nacional Comum Curricular

DRBF CREW Dança de Rua Basileu França

DJ Disk Jockey

EFG Escola do Futuro de Artes Basileu França

MC Mestre de Cerimônia

RAP Rhythm and poetry (Ritmo e Poesia)

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1: mapa mental produzido com técnica de aquarela. ....	20
Figura 2: Foto de acervo pessoal. Registo feito no festival de danças urbanas.....	29
Figura 3. Foto do Afrika Bambaataa. ....	32
Figura 4: Registro fotográfico da organização <i>Zulu Nation</i> .....	33
Figura 5: Registros de uma batalha de break .....	34
Figura 6: Foto de arquivo pessoal do Nelson Triunfo e da Funk & Cia.....	35
Figura 7: Fachada da Escola Municipal Madre Francisca.....	40

## LISTA DE TABELAS

<b>QUADRO 1</b> - Princípios fundamentais da Transdisciplinaridade.....	<b>21</b>
-------------------------------------------------------------------------	-----------

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	14
Objetivo geral	16
Objetivos específicos	16
Metodologia utilizada	17
<b>Seção 1: ENTRE CRIAR</b>	18
1.1 Vivência transdisciplinar	18
1.1.1 O que é transdisciplinaridade?	21
1.2 Por que não pluridisciplinaridade ou interdisciplinaridade?	24
1.3 Transdisciplinaridade na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)	26
<b>Seção 2: MOVER-SE</b>	29
2.1 Levantamento histórico sobre o movimento Hip Hop	30
2.1.1 Os três pilares do Hip Hop	33
2.2 Hip Hop como um ensino contextualizado e transdisciplinar	37
<b>Seção 3: REVERBERAÇÕES CONCLUSIVAS</b>	41
<b>REFERÊNCIAS:</b>	44

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a uma pessoa muito importante para mim e a quem por muitos anos me ensinou sobre ser forte e não desistir dos objetivos mais importantes nessa vida, onipresentemente, ao meu pai (*in memoriam*).

Em seguida à minha amada mãezinha, que, com seu jeito especial, me ensinou sobre princípios regados à humildade, cuidado, força e bondade. Me transmitiu uma força enorme até aqui.

Aos meus familiares, amigas(os) e companheiro, que foram de grande importância para mim nessa trajetória, repleta de dúvidas e incertezas.

Para os/as que me estenderam a mão, responderam as minhas dúvidas e até encararam a empreitada de me ajudar com algumas pesquisas para esse trabalho. Para você que está lendo isso, sim você sabe que estou falando com você, meus sinceros agradecimentos.

Sou imensamente grata ao meu orientador Luiz Olivieri, que com toda paciência e escuta, me guiou no desafio de dar corpo às minhas ideias para essa pesquisa. Um professor que admiro muito e tenho muito que agradecer.

Por fim, sou grata às professoras Noeli Batista dos Santos e Alice Fatima Martins que aceitaram o convite de fazer parte desse momento tão importante para mim, a presença de cada uma me deixa muito feliz. E a todo corpo docente da licenciatura, que em algum momento, durante minha graduação, me estendeu a mão e me deu conselhos valiosos que seguirão comigo. Obrigada por me inspirarem e por terem feito parte da minha caminhada.

“... Novas fórmulas...  
têm tanta precisão  
... Quanto à ciência da vida...  
que rege a lei da convivência,  
aponta a solução...  
mostra a saída...  
... Indica o caminho...  
E, nessa transdisciplinaridade,  
conhecer a ciência da vida...  
é a regra.  
Respeitar o semelhante  
é o limite.  
Compreender a si mesmo  
é o preço cobrado para a felicidade.”

- Nildo Lage

## Introdução

Esta pesquisa tem como foco escrever sobre a transdisciplinaridade no movimento Hip Hop como forma de diálogo entre as artes visuais, as danças urbanas e a música. Ela surge a partir das minhas experiências e pensamentos vivenciados durante o curso de licenciatura em artes visuais na Faculdade de Artes Visuais (FAV) enquanto também frequentava aulas de dança em espaços não formais de ensino: essas experiências me levaram a entender a transdisciplinaridade como uma possibilidade de ensino sobre cultura e arte.

Desde o primeiro momento em que escrevi sobre um papel amarelo com pautas, durante a aula de trabalho de conclusão de curso, as palavras “Pintura e Performance”, não imaginava que aquilo seria o ponto de partida para uma liberdade promissora: artes visuais e dança se cruzaram levando a um *big bang* disciplinar (NICOLESCU, 1999).

A partir deste movimento percebi que a pesquisa caminharia por diversas áreas – a ação de “mover-se” surgiu como horizonte de uma pesquisa autobiográfica. A princípio os pensamentos nebulosos eram frequentes e, aos poucos, foram se formando e transformando em perguntas, era ali que o movimento começava. Sendo assim, esta pesquisa parte de um corpo em movimento que coopera na construção do corpo deste texto.

Na tentativa de separar os interesses de pesquisa, a resposta veio com a abordagem transdisciplinar. Um núcleo, de onde se ramificou todas as inquietações desta pesquisa. Para amarrar tudo dentro de todos os pensamentos resultou o movimento Hip Hop como possibilidade de ensino de arte.

Destarte, desejo que esta pesquisa responda às inquietações e que coopere nas práticas de ensino que usem trajetórias transdisciplinares e promovam debates que aproximem o cotidiano, as experiências de cada um e cada uma. E que também resulte em reflexões importantes para o ensino, que elas possam inspirar a criação de aulas e projetos, tanto no ensino formal quanto no ensino não formal de arte.

Durante minha formação na licenciatura, também estudei em instituições de ensino de arte não formal que me proporcionaram viver com maior intensidade o circuito da arte em Goiânia. Na Escola do Futuro do estado de Goiás (EFG) em Artes Basileu França, antigo ITEGO de Artes Basileu França, estudei e pratiquei danças urbanas. Fiz parte do corpo de baile e conjunto profissional de Dança de Rua Basileu França (DRBF CREW),

grupo que representa nosso Estado em competições de danças, locais, estaduais e internacionais.

Com a pesquisa percebi que dançar era mais do que um gesto, mas encontrar espaços. Durante as aulas do curso de Licenciatura em Artes Visuais, vi-me parte de um grupo de colegas que traçaram os seus próprios caminhos e construíram os seus próprios territórios. Toda aquela densidade era atravessada por produções poéticas que surgiam desde o desenho, a pintura, a gravura, a aquarela e outras. Observar aquelas práticas, levaram-me a refletir sobre qual era o meu lugar (AUGÉ, 1994) naquele percurso.

A escolha de transitar para outros espaços de ensino, não formal, foi quase como um ato de fuga. Fuga de toda a tensão ao sentir-me limitada a um único lugar. Entendo que “(...) não há fala destituída de tensão corporal. Esta tensão é movimento em potencial, revelando mais aspectos das necessidades internas do indivíduo, às vezes, do que suas próprias palavras” (LABAN, 1978. p. 146). Mas, por que essa fuga?

Acredito que vindo de um contexto onde o movimento da dança e da arte estiveram presentes constantemente, a necessidade de encontrar um lugar que ressignificasse este processo na graduação, se fez necessário. A busca por outros lugares foi muito importante, o ato de me movimentar, transitar entre espaços, fazer perguntas e errar (SALDANHA; EÇA, 2020) me facultou amadurecimento e conhecimentos.

Em diversos momentos durante a graduação, professoras e professores diziam que a atuação docente é sobre aprender tanto quanto ensinar – a graduação foi uma verdadeira “escola”. Penso neste espaço de ensino com uma genuína vivência social, dentro de um contexto plural. Que envolve uma experiência que me move.

A pesquisa é escrita de uma perspectiva microscópica, autobiográfica, que se expande e estabelece novas conexões. O texto se constrói como reflexo de uma nova palavra, a transdisciplinaridade, que “surge como resposta aos desafios atuais” (RAMOS 2014,p.105), desafio individual e coletivo, tendo-a como proposta de ensino e aprendizagem. Em uma perspectiva histórica é interessante observar que

O Ser Humano só evoluiu porque Errou, porque o processo de errância, de procura e caminho, o conduziu a novos lugares, experiências e sensações, que não eram possíveis na permanência do seu corpo num só lugar. Assim, vemos o processo de aprendizagem, só potenciamos as nossas capacidades no movimento, na capacidade de fazer perguntas, de experimentar, unir disciplinas/conhecimentos e errar (SALDANHA; EÇA. 2020,p.28).

Depois de algumas reflexões sobre esses processos de errância e as minhas próprias idas e vindas, decidi organizar a pesquisa em três seções: na primeira, investigo o conceito de transdisciplinaridade com o objetivo de descobrir como esta abordagem pode ser usada na educação e como ela se apresenta na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Na segunda seção, avanço sobre como a dança está presente no processo, e apresento o movimento Hip Hop como proposta de ensino contextualizado e potencial precursor de ações pedagógicas transdisciplinares, fundamentadas na Lei 11.645/2008. Escrevo ainda sobre alguns depoimentos que reverberam de projetos realizados por pessoas que colocaram o Hip Hop em prática no ensino.

Como em um processo transdisciplinar, esta pesquisa se apresenta como um turbilhão de possibilidades. Não entendo-a como um ponto final, os exemplos descritos e conceitos pesquisados nos levam a diversos caminhos, com várias possibilidades e vias de acesso. Com isso espero provocar leitoras e leitores a encontrarem seus próprios caminhos e mostrar as possibilidades encontradas para um ensino de arte transgressor (HOOKS, 2013).

### **Objetivo geral**

A pesquisa tem como objetivo investigar a transdisciplinaridade como possibilidade de atuação para mim, futura docente de Artes Visuais e para professoras e professores da educação básica, assim como seu diálogo com o movimento Hip Hop enquanto potencial exemplo de ensino de arte transdisciplinar.

### **Objetivos específicos**

- Entender o que é transdisciplinaridade na vida e no ensino;
- Abordar o Hip Hop como movimento transdisciplinar na educação;
- Buscar por possibilidades transdisciplinares na Base Nacional Comum Curricular (BNCC);

## **Metodologia utilizada**

Uma das metodologias utilizadas foi a revisão bibliográfica "(...)a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites" (FONSECA, 2022, p. 32). De onde foram coletados fragmentos de autoras e autores para estabelecer um diálogo a partir dos meus escritos narrativos. Também utilizo da metodologia documental ao pesquisar vídeos, jornais, revistas, fotografias e documentários (Idem, 2002).

A pesquisa tem como fio condutor e rítmico meus relatos de experiências, o que dá ao texto um caráter autobiográfico com histórias carregadas de significados (ABRAHÃ, 2004).

## Seção 1: ENTRE CRIAR

### 1.1 Vivência transdisciplinar

Como uma mulher negra que cresceu rodeada de muitas influências artísticas e consumindo muito da cultura pop e cultura visual, optar por estudar artes visuais foi eminente. Sou parte de uma família muito humilde de pessoas que tiveram de trocar os estudos pelo trabalho, ainda muito cedo. Sendo assim, me orgulho de dizer que sou resultado de muitos esforços e incentivos.

Nas palavras de Lispector (1977), “liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome”. Assumo essa postura libertária de modo consciente, levando em consideração as ferramentas que tenho para criar novas possibilidades e quiçá, alcançar um território ainda muito novo. Considerando essa perspectiva, construo este texto como parte essencial do processo de um corpo, também em construção transdisciplinar.

Minhas primeiras experiências foram na Escolinha de Arte Veiga Valle, fundada no final dos anos 1980 pelo governador Iris Rezende Machado. Depois de tantos anos, ainda são vivas as memórias de experiências marcantes daquela época. Por exemplo, no dia em que estive no ateliê de argila, sentada em cadeiras pequeninas em uma sala cheia de quadros pendurados pelas paredes, chão de cimento vermelho queimado, argila, giz de cera, pincéis e tintas espalhadas por todo lado: parecia um mundo encantado para mim, somente uma criança. Nos intervalos andando pelo pátio era possível ver outras crianças dentro das salas de dança de *ballet*, vestidas com seus maiôs rosa, saias, meias e sapatilhas da mesma cor. O som produzido por instrumentos, tocados por crianças mais velhas, invadia todo o ambiente. Estar naquele lugar foi incrível, guardo com afeto essas memórias.

Desde então a arte sempre esteve presente comigo fazendo parte dos momentos mais empolgantes durante o ensino regular, fundamental e médio. Como por exemplo, durante as aulas ou as feiras expositivas de ciências, onde sempre me voluntariava para estar nos stands, seja ensinando algo ou interagindo com o público, utilizando os objetos confeccionados por alunos e alunas, durante as aulas de arte.

Relembro essas experiências para seguir para as minhas vivências educacionais atuais. Esta pesquisa é, então, uma resposta às inquietações que surgiram quando me vi em sistema disciplinar<sup>1</sup>, mesmo estando em uma universidade: as propostas disciplinares ainda são maioria no nosso sistema tradicional de ensino como um todo. Sendo assim, a pesquisa acende uma luz no fim do túnel que indica um lugar onde os reflexos de uma bagagem complexa e transdisciplinar se conectam e criam uma possível interlocução. E é sobre esse pensamento de complexidade que a transdisciplinaridade trata: um conhecimento holístico que leva em consideração a complexidade do ensino na vida e na natureza humana (NICOLESCU, 1999).

Segundo COOL (2002, p.09), “a transdisciplinaridade é uma teoria do conhecimento, é uma compreensão de processos, é um diálogo entre as diferentes áreas do saber e uma aventura do espírito.” Nessa aventura percebo que os acasos, erros, acertos e dificuldades fazem parte do processo de entender o mundo, compreender e formar conhecimento. Esse conhecimento se constitui de uma série de experiências que juntas compõem o repertório de cada um(a) – as complexidades individuais e coletivas.

Por envolver os aspectos individuais e coletivos em constantes experimentações, a transdisciplinaridade ainda é muito difícil de ser encarada. Algumas pessoas são defensoras de suas disciplinas, muitas vezes devido às regras acadêmicas, por esse motivo Lima Verde defende que:

(...) a atual manipulação acadêmica com foco na produtividade quantitativa, embora travestida com a expressão “qualidade na educação”, promove um distanciamento e uma certa “alienação necessária à sobrevivência acadêmica” cada vez maiores da universidade em relação aos contextos e às causas sociais, às políticas públicas e de emancipação (LIMA VERDE, p.80).

Por outro lado, penso que a separação das disciplinas não se configura como uma postura completamente equivocada, mas podemos perceber que ao nos concentrarmos em uma linha de pesquisa, em função da especialização, ocasionalmente nos afastamos de questões mais humanas. Do mesmo modo, a especialização provoca

---

<sup>1</sup> Na seção 1.1.1 abordo, em detalhes, os conceitos de transdisciplinaridade, interdisciplinaridade e pluridisciplinaridade.

distâncias entre áreas do conhecimento e mesmo dentro de um único campo de estudo, a exemplo do que diz Nicolescu:

(...) dois especialistas na mesma disciplina têm, hoje em dia, dificuldade em compreender seus resultados recíprocos. Isto nada tem de monstruoso, na medida em que é a inteligência coletiva da comunidade ligada a esta disciplina que a faz progredir e não um único cérebro que teria de conhecer todos os resultados de todos seus colegas-cérebros, o que é impossível. Pois, hoje em dia, existem centenas de disciplinas (NICOLESCU, 1999, P.15).

A estrutura de separação que a transdisciplinaridade transpõe, favorece as organizações sociais e institucionais, assim como a própria organização do trabalho. Porém ela precisa ser pensada a partir do ponto em que criamos uma barreira com a metodologia tradicional, em termos curriculares. Por esse motivo compartilho da mesma linha de pensamento de Atkinson (2013), quando fala sobre a aprendizagem além das normas e enquadramentos.

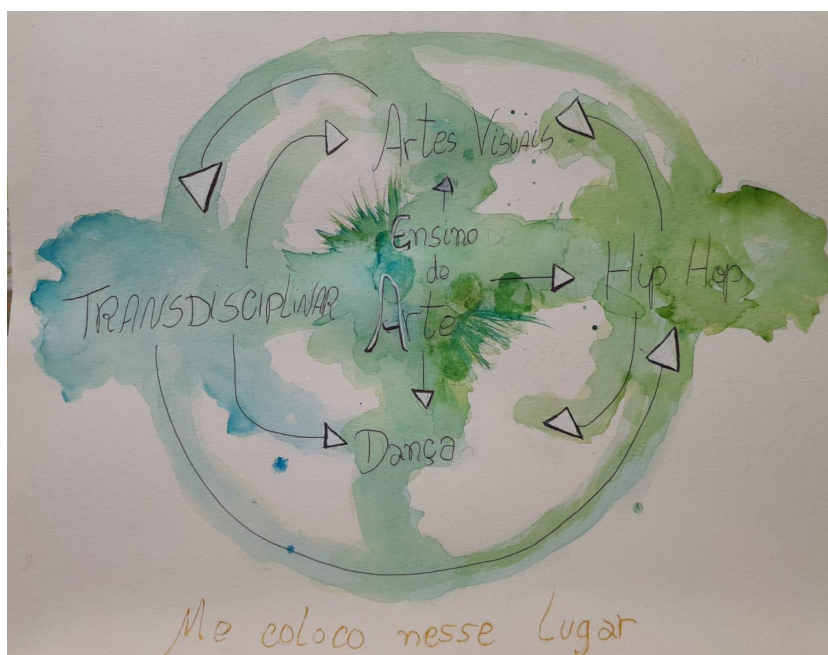


Figura 1: mapa mental feito pela autora, utilizando técnica de aquarela. Papel A4, aquarela sobre papel. 28 de jan. de 2023.

### 1.1.1 O que é transdisciplinaridade?

A etimologia da palavra transdisciplinaridade diz que “*trans*” significa algo que está em trânsito, que caminha entre dois polos ao mesmo tempo, ou seja, duas disciplinas de ensino que perpassam “através” ou “além” das disciplinas, remetendo à transcendência, a integração e transpondo as fronteiras do espaço, entre as ciências, “seu objetivo é a compreensão do mundo presente para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento” (NICOLESCU, 1999, p.16).

A fim de aproximar os princípios fundamentais da transdisciplinaridade e os aspectos fundamentais da educação transdisciplinar, elaborei a tabela abaixo, com os fundamentos presentes no documento “Educação e Transdisciplinaridade II” (2002).

**QUADRO 1** - Princípios fundamentais da Transdisciplinaridade

<b>Os princípios fundamentais da transdisciplinaridade</b>	<b>Declarações fundamentais sobre educação transdisciplinar</b>
Competência no campo da real vocação do indivíduo	Abrir a educação em direção a uma educação integral do ser humano que transmita a busca pelo sentido
Ética: compromisso, responsabilidade e respeito	Fazer com que a Universidade evolua em direção ao estudo do Universal no contexto de uma aceleração sem precedentes do conhecimento fragmentado
Espiritualidade no sentido amplo, aberta e livre em relação aos mitos, religiões e temas afins	Revalorizar o papel da intuição, do imaginário, da sensibilidade e do corpo como profundamente enraizados na transmissão do conhecimento

Fonte: COLL, Agustí Nicolau et al. **Educação e Transdisciplinaridade II**. UNESDOC, Biblioteca Digital. Oficina Nacional en el Brasil, Universidade de São Paulo. 2002. Tabela elaborada pela autora (2022).

Como vemos na tabela acima, são muitos os campos que a palavra transdisciplinaridade é encontrada: ética, espiritualidade, educação em todos os níveis, imaginário e subjetividade, dentre outros. O viés de liberdade conecta todos esses campos, por exemplo, em relação à espiritualidade, ela é vista como uma “(..)atitude aberta, de respeito mútuo e humildade em relação a mitos, religiões, sistemas de explicações e conhecimento, rejeitando qualquer tipo de arrogância ou prepotência” (D’AMBRÓSIO, 1997, p. 9), e começa sempre por uma mudança pessoal envolvendo a

integração dos aspectos ocultos com os aspectos manifestos de nosso próprio ser (FILHO, 2015, p.35).

Através da minha trajetória acadêmica e do meu entendimento sobre o ensino das artes visuais, me reconheci em tantos caminhos ao adentrar nesse território complexo que é a transdisciplinaridade que acontece ao meu redor, percebo que o meu interior se conecta com o que está fora, só que de um jeito muito profundo e complexo e que quando tento sintetizar tudo isso em uma linha de pensamento, ele se ramifica. Segundo Cool (2002, p.10) a transdisciplinaridade “implica numa postura sensível, intelectual e transcendental perante si mesmo e perante o mundo, (...) compreendendo e decodificando as informações que compõem nós seres humanos.”

Como vemos, a transdisciplinaridade é mais do que um campo de estudo teórico, ela é uma postura diante da vida e isso fica muito evidente quando estudamos os três pilares que a estruturam<sup>2</sup>: a Lógica do Terceiro Incluído, a Complexidade e os Níveis de Realidade. Em minhas palavras, existe um encadeamento entre esses pilares que, em síntese, seria: “a possibilidade” (Lógica do Terceiro Incluído); “a possibilidade dentro da possibilidade” (Níveis de Realidade); “a expansão dessas realidades e disciplinas a partir de fatores humanos” (Complexidade).

Para entendermos melhor esses níveis complexos, transcrevo abaixo, inicialmente, a definição proposta por Nicolescu que ao falar da Lógica do Terceiro Incluído explica que

(...)existe um terceiro termo T que é ao mesmo tempo A e não-A — fica totalmente clara quando é introduzida a noção de “níveis de Realidade”. Para se chegar a uma imagem clara do sentido do terceiro incluído, representemos os três termos da nova lógica — A, não-A e T — e seus dinamismos associados por um triângulo onde um dos ângulos situa-se a um nível de Realidade e os dois outros a um outro nível de Realidade. (NICOLESCU, 1999, p.10)

Ao ler a definição da Lógica do Terceiro Incluído proposta por Nicolescu, percebo, de forma prática, que “T” é a terceira via de possibilidade entre duas opções determinadas: A e não-A, onde temos apenas “isso ou aquilo” em estado oposto. O “T” representa as possibilidades e acasos que podem acontecer para além das duas opções “A” e

---

<sup>2</sup> Esses três pilares da metodologia Transdisciplinar foram definidos no I Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, em 1994, realizado em Portugal, na Arrábida, e do I Congresso Internacional, realizado na Suíça, em Locarno, no ano de 1997. Ambos foram organizados pelo Centre International de Recherches et Etudes Transdisciplinaires (CIRET) de Paris e pela UNESCO.

“não-A”, em níveis de realidade diferentes. E mais, A lógica do Terceiro Incluído, segundo FILHO; BASSO; BORGE (2015, p.36,), "(...) se sustenta no reconhecimento da existência desses diferentes níveis, onde a lógica da não contradição pode ser superada em favor da complexidade." Relaciono essa ideia de complexidade a minha necessidade de encontrar alternativas que visam abranger não só uma formação (licenciatura em artes visuais, cursos não formais citados anteriormente), mas também que integre em minha futura atuação docente no ensino de arte.

Os Níveis de Realidade se configuram na compreensão de que, na transdisciplinaridade, os níveis de percepção são variados, ou seja, não pairam em um único e mesmo Nível de Realidade, não se restringe ao reducionismo. Esses níveis de realidade estão relacionados à transdisciplinaridade, enquanto a pesquisa disciplinar se estrutura em um mesmo nível.

Já o eixo da complexidade trata da natureza visceral humana: "(...) assustadora, terrificante, obscena, fascinante, invasora, como um desafio à nossa própria existência e ao sentido de nossa própria existência" (NICOLESCU, 199, p.12). A complexidade "se nutre" da ideia de ir além e de que cada vez mais além se desdobram fatores transcendentais às disciplinas, trata das camadas individuais e coletivas. "Na visão clássica do mundo, a articulação das disciplinas era considerada piramidal (...) a complexidade pulveriza literalmente esta pirâmide provocando um verdadeiro *big-bang* disciplinar" (Idem, 1999, p. 12).

Resumindo: A lógica do Terceiro Incluído se apresenta como uma terceira via de conhecimento entre percepção opostas; Os Níveis de Realidade, dentro da transdisciplinaridade, apresentam uma postura oposta ao reducionismo, ao apresentar camadas de possibilidades e instâncias; E a Complexidade, é o pilar que deixa aberto o caminho para as possibilidades.

Com esses três pilares, compreendemos que a transdisciplinaridade propõe o diálogo homogêneo e sem hierarquias entre as disciplinas, a fim de incluir e unir o que elas têm em comum, pensando na perspectiva dessa pesquisa. A transdisciplinaridade não reduz o conhecimento das disciplinas e por isso essa forma de compreensão subjetiva tem sido a proposta da pesquisa para não criar uma hierarquia entre a dança, às artes

visuais, dentro do movimento Hip Hop e, de maneira transcultural (SANTANA, 2010), apresentar possibilidades de incluir pontos de ampliações em diversas práticas docentes.

Levar em conta toda essa complexidade, que é da natureza humana, me traz a sensação de liberdade em consonância com a já citada Clarice Lispector, ela diz que liberdade não tem nome já que esta colocação se instala no não reducionismo, porém, para mim, encontro no movimento Hip Hop um caminho de possibilidade para essa liberdade, de ser, viver e estar em minha futura prática docente. Entendendo as limitações de cada contexto, mas tenho em mente este caminho de possibilidades. Agora, a liberdade não se reduz a uma definição exata, mas para mim a transdisciplinaridade aponta essa possibilidade: de ter esse trânsito mais livre, sem deixar de ser consciente da totalidade e dos elementos que traz o sentido. É essa totalidade que me permite ser livre e que forma a minha bagagem que se abre para que haja uma troca de conhecimentos saudável e agregadora.

Para mim, esta pesquisa é a formação de um novo conhecimento, quando compreendo que a transdisciplinaridade não é uma "disciplina" nem um "*hiperdisciplina*", mas carrega resquícios disciplinares, ao unir ou transferir metodologias distintas a fim de que não haja uma separação evidente. Neste sentido, "as pesquisas disciplinares e transdisciplinares não são antagonistas, mas complementares" (NICOLESCU, 1999, p.16).

A transdisciplinaridade propõe um saber mais holístico ao associar os conhecimentos como "um movimento do futuro" (JOVENS GÊNIOS, 2022) em um curso complexo, movediço, mas intrigante que não é nem pluridisciplinar e nem interdisciplinar, como veremos a seguir.

## **1.2 Por que não pluridisciplinaridade ou interdisciplinaridade?**

Entender a diferença entre pluridisciplinaridade e interdisciplinaridade, que são enfoques muito semelhantes, se tornou uma parte importante para compreensão do termo norteador da pesquisa. Mas, no que ambas se diferem da transdisciplinaridade?

Para responder a essas perguntas entendemos que as abordagens pluri e inter têm em comum a realização de atividades feitas por docentes de áreas diferentes que decidem unir ações educativas, de modo conjunto.

Dessa maneira, a pluridisciplinaridade diz respeito ao estudo de uma disciplina que, ao mesmo tempo, se constrói por muitas outras disciplinas, cooperando entre si. Sendo assim, essa perspectiva da continuidade aumenta a quantidade de detalhes e conteúdo que podem ser extraídos daquele estudo: existe uma contribuição mútua de áreas que resultam em algo enriquecedor.

Por isso a abordagem pluridisciplinar é a "(...) focalização da atenção de várias disciplinas sobre um objeto de uma única disciplina, simultaneamente" (NICOLESCU,1999, p. 36). Por mais que demonstre uma rede de assuntos, essa metodologia não perde o foco da disciplinaridade, por exemplo:

(...)um quadro de Giotto pode ser estudado pela ótica da história da arte, em conjunto com a da física, da química, da história das religiões, da história da Europa e da geometria.  
Ou ainda, a filosofia marxista pode ser estudada pelas óticas conjugadas da filosofia, da física, da economia, da psicanálise ou da literatura. Com isso, o objeto sairá assim enriquecido pelo cruzamento de várias disciplinas (NICOLESCU,1999, p.15).

Já a interdisciplinaridade é definida por meio da migração do método utilizado de uma pesquisa para a outra, de modo que uma fórmula ou um esquema possa ser utilizado como mecanismo de transferência para outra área do conhecimento, por exemplo, da física nuclear para a medicina, quando “os métodos da física nuclear transferidos para a medicina levam ao aparecimento de novos tratamentos para o câncer” (NICOLESCU, 1999, p.16).

Esses métodos descritos acima, ultrapassam uma mesma disciplina em uma visão global que “caracteriza-se pelo surgimento de muitas outras novas disciplinas. (...) A transdisciplinaridade exige a superação da fase interdisciplinar, ou seja, a eliminação completa das barreiras e hierarquias entre conhecimentos” (ROCHA, 2015. p, 37).

Parece-me curioso refletir sobre essa passagem da interdisciplinaridade para a transdisciplinaridade porque, em alguns momentos, vivemos experiências transdisciplinares e não percebemos. Por exemplo, enquanto cursava licenciatura em

artes visuais e danças urbanas, em um contexto não formal, eu sentia que levava minhas experiências e aprendizagens de um campo para o outro, de um lugar para o outro. Hoje entendo que eu vivi uma experiência transdisciplinar. Enquanto eu lia “O Manifesto da Transdisciplinaridade” eu tinha a sensação de estar em uma conversa com o autor daquele texto que muitas vezes parecia explicar a minha própria complexidade: “uma realidade multi esquizofrênica” substitui “a realidade unidimensional simples do pensamento clássico” (NICOLESCU, 1999, p.12). Acredito que, a partir do momento que me entendi como um sujeito complexo, tenho compreendido o que é essa totalidade, e buscado complementos em diferentes territórios (SANTOS, 2006).

### **1.3 Transdisciplinaridade na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**

Por ser um documento extenso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) contém muitas informações importantes inerentes à organização do trabalho pedagógico. A transdisciplinaridade, por outro lado, não é tratada de modo direto no documento e as disciplinas são vistas como áreas do conhecimento. Entende-se que a proposta de ensino transversal, presente no documento, muitas vezes sugere uma postura interdisciplinar ou pluridisciplinar, mas as disciplinas continuam muito bem definidas e a abordagem transdisciplinar parece estar difusa no texto.

Ao fazer uma pesquisa nominal dentro do documento da BNCC, constatei que, em um documento com cerca de 600 páginas, o termo “transdisciplinaridade” é citado somente uma vez, no trecho abaixo:

(...)evidencie a contextualização, a diversificação e a transdisciplinaridade ou outras formas de interação e articulação entre diferentes campos de saberes específicos, contemplando vivências práticas e vinculando a educação escolar ao mundo do trabalho e à prática social e possibilitando o aproveitamento de estudos e o reconhecimento de saberes adquiridos nas experiências pessoais, sociais e do trabalho (Resolução CNE/CEB no 3/2018, Art. 7, § 2o).

Como vemos no trecho acima, a transdisciplinaridade é sugerida como uma possibilidade de atuação assim como as “outras formas de interação e articulação entre

diferentes campos”. Não se assume claramente uma proposta transdisciplinar. Historicamente, a BNCC começou a ser elaborada a partir de estudos realizados por meio de diretrizes curriculares que visavam “(...)as necessidades, interesses e pluralidade da educação brasileira”. Nesse processo de elaboração foram realizadas diversas alterações que passaram a vigorar, em 2019 no ensino infantil e fundamental e em 2022 para o ensino médio (FRANCO, 2021). O documento apresenta uma organização que prioriza a aprendizagem “sócio emocional” e procura integrar o ensino para além da escola, preparar os(as) alunos(as) para os desafios sociais como o mercado de trabalho, por exemplo. Ou seja, a BNCC deseja que o diálogo entre as áreas do conhecimento ocorra, por meio de um “ensino transversal”.

Os temas transversais não significam transdisciplinaridade. Em uma leitura mais atenta é possível perceber que a transdisciplinaridade se apresenta no documento de outras formas quando ele propõe “(...)novas abordagens de organização curricular” vinculadas à interdisciplinaridade em um “contexto transversal” (LIMA VERDE, 2015). Os temas transversais têm o seu valor, ao percebermos que agem na forma de aproximar e dar possibilidades de um pensamento historicamente, muito rígido; apresentando uma via de conexão que começa na interdisciplinaridade; fomentando uma prática docente que vá em direção de “(..)uma nova filosofia da educação, uma nova pedagogia” (SILVA; ARAÚJO; 2020, p. 12).

Integrar essa forma de conhecimento transdisciplinar me parece importante ao entendermos a necessidade de novas práticas que vão além do ensino hoje de forma saudável e humana. Hoje, a tecnologia cria um ambiente que contém vastas quantidades de informações, muitas vezes dispersas, e em muitos casos não sabemos qual é a finalidade desses produtos, quando a tecnologia desvaloriza “valores éticos, (...) privilegia a competição, a dominação, o egoísmo, o desamor, a desconfiança e a ganância” (MENDES, 2015, p.165). A escola humanista, que desperta o interesse dos alunos em prol de práticas críticas e de liberdade (hooks, 2013) muitas vezes, perde espaço para esses espaços virtuais, em grande parte, essencialmente, capitalistas que visam o lucro.

Portanto, o sentido amplo e político da palavra transdisciplinaridade se encontra, difuso no documento da BNCC: situações transversais que dizem respeito ao diálogo entre

disciplinas. Para aprofundar a pesquisa, procurei por outras palavras como: “interdisciplinar”, “transversal” e “multidisciplinar”, que aparecem cerca de três a 20 vezes, respectivamente.

Quando buscamos pela palavra interdisciplinar, o contexto se refere a um paralelo entre duas fontes de saber, incluindo a história e a economia, por exemplo, ou consumo e o marketing (aqui não se trata diretamente de disciplinas, mas são conhecimentos distintos que dialoguem para uma compreensão em comum):

Essa unidade temática favorece um estudo interdisciplinar envolvendo as dimensões culturais, políticas sociais, e psicológicas, além da econômica, sobre as questões do consumo, trabalho e dinheiro. (BRASIL, 2017, p.269)

O trecho acima sugere o diálogo entre áreas do conhecimento, que pode deflagrar ações transdisciplinares, que no documento estão algumas vezes referenciadas na expressão “transversal”, quando ele trata de uma ação integradora, um trânsito que transcende uma determinada área:

Por fim, cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. (BRASIL, 2017, p.19)

Essa escala “humana, local, regional e global” é um pressuposto da transdisciplinaridade. Esses enfoques são distintos, mas ao mesmo tempo têm uma relação muito próxima, de movimentos, de uma dança entre: indivíduos, educação e estudos culturais. A dança é um movimento corporal e cultural, ao passo que as artes visuais também são. Na prática, essa conexão entre corpo e estudos culturais pode acontecer de diversas formas, nesta pesquisa abordarei a partir do movimento Hip Hop e das danças urbanas. O objetivo é que essas práticas artísticas e educacionais estimulem o protagonismo dos estudantes, com a abertura de diálogos transdisciplinares.

## Seção 2: MOVER-SE

A dança faz parte de minha trajetória. Foi a partir das danças urbanas que cheguei ao movimento Hip Hop, já que elas são comumente vinculadas ao movimento. Sobretudo em festivais de dança essa modalidade é nomeada de “Hip Hop dance” ou somente “Hip Hop”.

Durante a graduação em artes visuais, retomei os estudos em dança, uma prática que se iniciou aos nove anos de idade, após abandonar o *ballet*. Retornei para as danças urbanas na Escola do Futuro em Artes Basileu França (EFG). Lugar onde me tornei bailarina de danças urbanas, com o grupo de Dança de Rua Basileu França (DRBF CREW) e atuei enquanto bailarina profissional em competições locais e estaduais.



Figura 2 : Foto de acervo pessoal. Registro feito no festival de danças urbanas HIP HOP DISTRICT realizado em Jundiaí, São Paulo. 5 mai. 2019.

Vivi entre os estudos de artes visuais e a dança, o que refletiu em um modo subjetivo de ver e viver a vida: “(...) é que a dança não é apenas uma arte, mas um modo de viver” (GARAUDY, 1980, p.13). Dançar, para mim, é uma prática de alma, uma verdadeira celebração sobre quem sou e como entendo-me: um sujeito que hoje se reconhece transdisciplinar e que entende que sua arte “(...) é um modo de existir” (Idem, 1980, p.13)

As danças urbanas têm presença e influência constante no cotidiano de jovens do nosso país, dentro e fora das salas de aula. Elas estão presentes em bailes *black*<sup>3</sup>, baladas, academias e atualmente em instituições de ensino formal e não formal. O “passinho foda”<sup>4</sup>, por exemplo, tem seu espaço nessas danças por ser uma prática muito próxima na vivência de jovens negros(as), entre os que consomem e escutam o funk brasileiro. Esses jovens se divertem entre si na criação de variações do estilo que se tornam marca registrada do gênero.

Sem perder a essência desta pesquisa, encontraremos possíveis diálogos na prática da abordagem transdisciplinar entre artes visuais e dança? Sim, após uma investigação, encontrei no movimento Hip Hop, uma nova junção entre práticas culturais e artísticas de forma transdisciplinar. O campo das artes propicia-me refletir sobre o ensino que “(...) a arte constitui parte da vida, assim como a vida constitui a substância da arte e se constitui a si mesma artisticamente na “arte de viver” (SHUSTERMAN, 1998, p.132).

## **2.1 Levantamento histórico sobre o movimento Hip Hop**

O movimento Hip Hop nasce em um contexto abalado por tensões e consequências de uma guerra, que impactaram as populações marginalizadas e em estado de vulnerabilidade social. Uma parcela de jovens, pobres, com baixa escolaridade, discriminados e mal remunerados no mercado de trabalho, ocupou as ruas (por não terem outras alternativas) após abandonarem as escolas sem perspectivas de fazerem parte de um sistema democrático. As escolas falam de democracia e liberdade, mas esses jovens não as vivenciavam, as ruas não tinham lugares para o lazer e entretenimento cultural e parte dos jovens desesperançosos seguiu para o consumo de álcool, drogas e a prática da violência. Enquanto outros se agarram a outras práticas como a música, a dança e os desenhos nas paredes para sobreviverem e suportarem o sufocante sistema no qual estavam inseridos. Esse era o cenário, não muito diferente do Brasil de hoje, onde nasceria o mais importante e influente “movimento cultural

---

<sup>3</sup> Bailes comuns de periferias, das grandes cidades do Brasil, que existem desde os anos 70.

<sup>4</sup> SANTOS, Suzan. Documentário Dance Funk! (COM LIBRAS). YouTube, 12 de novembro de 2022.

negro” que hoje pode ser considerado com um dos mais importantes movimentos culturais da contemporaneidade.

O movimento Hip Hop originou-se no Bronx, região do distrito de Nova York, em meados dos anos 1960/70, e foi formado por pessoas de lugares diferentes: desde negros norte-americanos, jamaicanos, caribenhos e porto-riquenhos. Há estudos que dizem que os primeiros indícios do movimento começaram em 1920, potencializados com o tempo a ponto de suas influências não demorarem muito para alcançar o Brasil. O movimento reverbera até hoje na cultura do povo preto, entre jovens e adultos e, desde 1982, quando “(...) a juventude da periferia já dançava o *break* e ouvia os primeiros rap. Isso porque desde os anos 70, na periferia das grandes cidades do país, eram comuns os bailes *black*, com muito *soul* e *funk*” (PIMENTEL, ANO, p.14).

O termo Hip Hop se consolidou de fato em 1971, quando o DJ Afrika Bambaataa e também líder da gangue *Black Spades*, reuniu-se a outros líderes de gangues para promover um tratado de paz em meio às tensões provocadas pelas gangues, em disputas por território, essa organização expandiu fronteiras. Bambaataa usou a cultura Hip Hop para fazer com que jovens de todo o mundo se inspiraram no movimento para usar “forças criativas” e causar mudanças no mundo. Criaram assim a *Zulu Nation* “(..)a organização mais importante para o crescimento e difusão do Hip Hop como movimento cultural, que sintetiza uma de suas primeiras bases de um movimento político, educacional e, principalmente, decolonial.”(FONSECA, 2021, p.11)



Figura 3: Foto do Afrika Bambaataa. Imagem de Janette Beckman retirada do website Primeiros Negros. <https://primeirosnegros.com/afrika-bambaataa/> Acesso em: 10 jan. 2023

Afrika Bambaataa definiu o nome do movimento Hip Hop inspirado em duas motivações distintas, como diz Fábio Macuri, em uma entrevista para a revista DJ Sound<sup>5</sup>: "A primeira delas estava na forma cíclica pela qual se transmitia a cultura do gueto. A segunda estava justamente na forma de dança mais popular da época, ou seja, saltar (hip), movimento dos quadris (hop)" (PIMENTEL. p,11).

O movimento Hip Hop é um movimento transdisciplinar formado por três pilares<sup>6</sup> fundamentais (linguagens): o *break* (dança); O rap (música com a junção do DJ, Disc Jockey, e o MC, Mestre de Cerimônia); e o *graffiti* (artes visuais – arte de “rabiscar” e desenhar nos muros da cidade). Todas essas práticas deram força e sentido ao movimento, algumas com mais destaque que outras, em continentes afora.

---

<sup>5</sup> Esta entrevista foi realizada em 1994, para a influente revista DJ SOUND que foi fundada em 1990 e tem como marco a difusão da *Dance Music*, no cenário da música pop e eletrônica brasileira. Disponível em: <https://www.djsound.com.br/sobre-a-dj-sound/>.

<sup>6</sup> Alguns artigos e pesquisas denominam o movimento Hip Hop, formado por 4 pilares onde o MC e o DJ são partes distintas. Nesta pesquisa os coloco como um único pilar, por se tratar de partes que formam o rap; juntos regem o som, a música e o movimento.

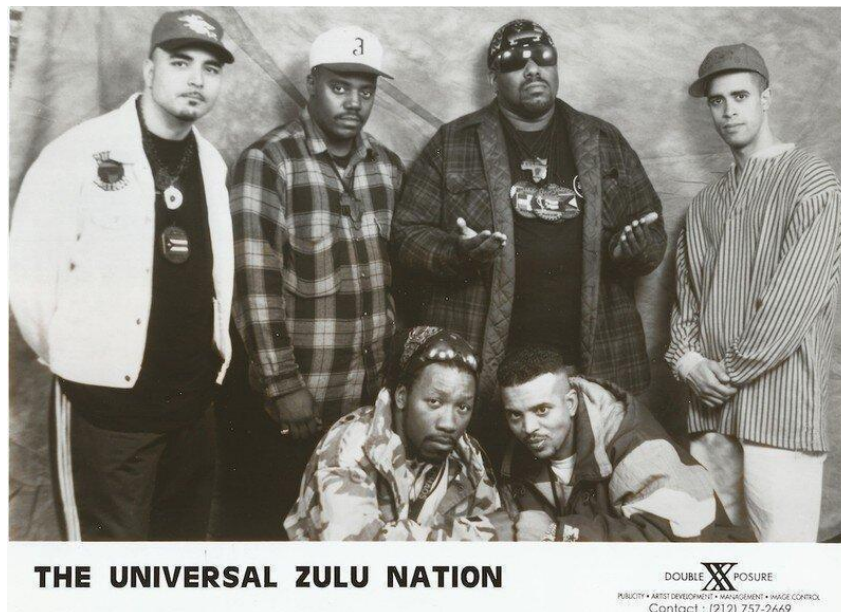


Figura 4: registro fotografico da organização *Zulu Nation*, disponível em: <https://www.backyardopera.com/music-17/2020/10/11/history-afrika-bambaataa-forms-universal-zulu-nation-587wp> Acesso em: 9 jan. 2023.

Nos Estados Unidos o Rap se consolida com a Hip Hop *Music* e as danças *Breaking* e outros estilos de dança que surgiram posteriormente. No Brasil, tivemos um cenário semelhante, com as influências que o movimento teve na cultura dos bailes *black*, na dança (*Break* e *Funk*), no improviso, na criação de variações das danças, e na influência de peso que tem o palco do rap brasileiro – com as letras e ritmos que criaram suas "próprias raízes", engajado por artistas influentes como o grupo Racionais MC's. Atualmente, nas escolas e estúdios de dança de ensino não formal o movimento continua se fortalecendo e crescendo a cada dia.

### 2.1.1 Os três pilares do Hip Hop

O primeiro pilar é o *break* (*breaking* ou *b-boying*) que tem sua origem com a consolidação do movimento Hip Hop. Ele foi criado por afro-americanos e latinos, jovens, que formavam gangues com o intuito de manter o tratado de paz a fim de acabar com as disputas violentas por território que deram lugar às rodas de batalhas de break (dança). A regra das batalhas era simples: os grupos que executassem os movimentos mais complexos, venciam. Todo esse movimento deu certo e levou as gangues a darem lugar às *crews*.

O break ou Breaking não surgiu na rua, mas em festas promovidas pelo DJ Kool Herc, realizadas nos guetos de Nova Iorque. Se tornou um meio de protesto contra a guerra do Vietnã, que acontecia na época, e uma forma de manifestação cultural. Surgiu através dos gêmeos Kevin e Keith Smith “*The Nigga Twins*”, eles juntaram variações de alguns passos já existentes com movimento de chão. Alguns desses movimentos executados pelos breakers, era um reflexo da guerra na época, por exemplo “(...) alguns movimentos do break são chamados de giro de cabeça, rabo de saia, saltos mortais e etc. O giro de cabeça, em que o indivíduo fica com a cabeça no chão e, com os pés pra cima, procura circular todo o corpo, simboliza os helicópteros agindo durante a guerra.” (PIMENTEL, 1997, p.3)



Figura 5: registros de uma batalha de break retiradas do website streetopia. Disponível em: <https://www.streetopia.me/m/news/605e231b4158ef71641647b7/uma-viagem-aos-primordios-do-hip-hop>. Acesso em: 21 jan. 2023.

No Brasil, especificamente, em São Paulo, no centro da cidade, a estação de metrô São Bento é o lugar considerado como o berço da cultura Hip Hop. De onde algumas práticas como o *break*, saiu dos bailes e ocupou as ruas da cidade com Nelson Triunfo e a Funk & Cia. A partir daí o *break* teve grande importância no cenário Hip Hop brasileiro por ter influenciado as primeiras organizações (crews) de b-boys brasileiros<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Aqui no Brasil, muitos b-boys e b-girls também atuam como capoeiristas.

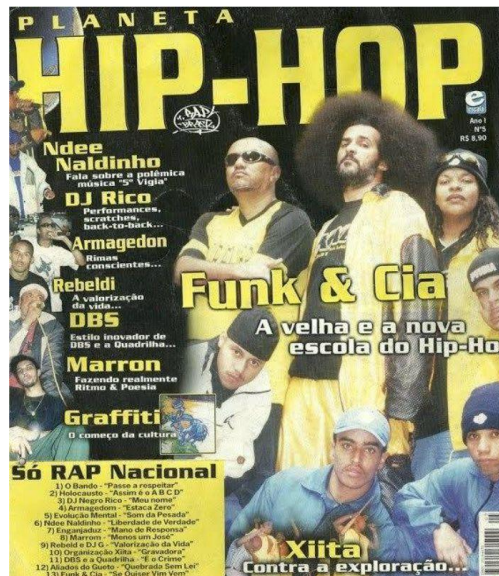


Figura 6: Fonte: foto de arquivo pessoal do Nelson Triunfo e a Funk & Cia. Disponível em: <https://breakingworld.com.br/tag/funk-e-cia/#>. Acesso em 15 jan. 2023.

O segundo pilar, o *graffiti*, surgiu, por volta da década de 1960, entre os jovens dos guetos de Nova York, que pichavam as paredes da cidade com seus nomes ou a *tag* (assinatura), uma forma de marcar territórios, que influencia até hoje na prática. Mais tarde, passaram a grafitar desenhos e palavras em muros, pelas ruas e vielas da cidade, com suas histórias e a retratar a realidade que viviam com expressões de protesto e resistência.

Segundo Olário ao citar Sales (2005), esses grafites "demonstraram a amabilidade e a transformabilidade do signo que, por ser histórico, permite uma leitura do universo da forma dialética, preocupada com as relações mutáveis e contraditórias do ser/estar histórico no universo".

Por fim, o último pilar, o rap é uma prática que se caracteriza por rimas feitas com uma conexão criativa e poeticamente cantada em forma de improvisação ou composição. Carregada de histórias sobre o cotidiano dos jovens, famílias, e como uma forma de fazer política sobre suas vivências, angústias e lutas frequentes, enquanto sujeitos em um sistema opressor, preconceituoso e discriminador. Como disse Mano Brown "O sentimento que me fez lutar por essas coisas no rap, no Racionais, foi raiva. Não foi alegria, conforto e barriga cheia. Foi o contrário, barriga vazia, ódio e ambição..."<sup>8</sup>(VICENTE, 2022).

<sup>8</sup> Documentário: "Racionais: Das Ruas de São Paulo Pro Mundo".

O rap surgiu como um movimento livre, em que os jovens não precisavam de muito para usar a criatividade, como uma arte acessível que até hoje influencia e serve para lembrar práticas que trazem alegria e sentido a suas vidas: “assim aparece o estilo que é a essência da música, no ritmo, junto a essência da alma, a poesia. Rhythm and Poetry é o rap” (PIMENTEL, 1997, p.8).

O movimento Hip Hop se configura como um acontecimento transdisciplinar por diversas razões, uma delas é por se sustentar em três pilares de diferentes linguagens, que, assim como a complexidade, é algo formado pela soma de suas partes que, ao mesmo tempo é mais que elas e vai além de um movimento, é mais que um conjunto de práticas, é uma vivência, um espaço de voz, de identificação, de celebração negra, de autoestima e de educação. É um movimento que traz impactos e influências na vida de muitas pessoas e permite muitas possibilidades para práticas docentes. Presente nas relações sociais, manifestações culturais sobretudo nas importantes perspectivas para os/as jovens nas escolas ao formar seus modos de ver, viver e sobreviver à vida.

A transdisciplinaridade pode ser vista no movimento também, pelo fato de nos mostrar as camadas que formam o conhecimento e a natureza humana. Quando percebemos as questões que são muito profundas ao ser humano, podemos incentivar os alunos e alunas a sonharem para alcançar suas ambições. Essa ótica humana da transdisciplinaridade, abordada na seção 1 deste texto, pode ser percebida até mesmo nas ciências, pois se desconsiderarmos esse ponto, corremos o risco de cometer atrocidades, desrespeitos e outras formas de violência. Quando damos atenção ao aspecto humano (como a transdisciplinaridade se propõe a dar) e olhamos as camadas como mais atenção, podem surgir práticas que se aproximam mais do interesse dos(as) estudantes: e isso têm de ser primordial!

O movimento Hip Hop nos leva a aproximarmos de realidades de grande parte da população brasileira e levanta questões humanas e complexas que são socialmente indispensáveis à reflexão, para construirmos uma educação antirracista, decolonial e com mais ética e respeito. Ao pensar assim, percebo que as influências do movimento Hip Hop reverberam em solo brasileiro, por mais que beba de uma fonte forasteira, por meio de suas raízes ancestrais e universais e nos mostra como pode ser uma ótima possibilidade didática. Segundo André, integrante do Sampa Crew, DJ, *breaker* e

capoeirista: "Por mais diferentes que sejam os caminhos, no fim tudo o que é cultura afro acaba se encontrando" (PIMENTEL, 1997).

Em resumo:

De qualquer modo, aquela dança de rua tornou-se algo além de simples arte, passando a ter um significado social: ela ajudava a manter os jovens longe da marginalidade, evitando mortes! Os sociólogos que analisaram o movimento concordam: quando os jovens do Hip-Hop se reúnem para ver quem dança, desenha, compõe, canta melhor ou é o DJ mais habilidoso, vemos o coração do movimento, pois essa competição é algo positivo ao incentivar uma atitude constante de criação e de invenção a partir de recursos bastante escassos.(PIMENTEL, 1997, p. 9)

Como vemos, a proposta do Hip Hop como prática educacional transdisciplinar não se estrutura em uma formatação pré estabelecida, mas une pontos que podem reverberar em planos de aula ou em projetos que incluem diálogos com vivências de cultura e arte.

## **2.2 Hip Hop como um ensino contextualizado e transdisciplinar**

Durante o estágio obrigatório no curso de Licenciatura em Artes Visuais, em uma escola pública, observei a presença de crianças escrevendo letras e ouvindo rap durante o recreio, entre amigos. Dentro da sala de aula, também era possível ouvir o gênero de música funk. Também era possível ver, em algumas escolas, jovens e crianças que desenhavam em seus cadernos e folhas de papel, palavras e desenhos, assim como o grafite.

Essas manifestações dos estudantes nessas escolas devem se repetir em outras realidades do Brasil. O Hip Hop pode ser usado para provocar debates por meio de letras de música de rap vinculados às vivências dos(as) alunos(as), ou promover oficinas de desenho, com a estética do grafite, contextualizadas com raízes de cunho social. Outra possibilidade é a apresentação de filmes que retratam a história da dança break e propor reflexões sobre as gangues que passaram das violências às batalhas: são inúmeras as possibilidades de dialogar com o movimento com a atualidade e o ensino das artes.

Além disso, tratar do Hip Hop é uma forma de combater o racismo e outros preconceitos e intolerâncias, tendo em mente a pluriversalidade<sup>9</sup> humana e suas subjetividades. Refletir a importância de se usar temas como essa em aulas no ensino de arte, ou em qualquer outra disciplina e projetos transdisciplinares, integra uma conquista que tem como papel principal os direitos que foram conquistados por pessoas afro-brasileiras e indígenas, historicamente violentadas no Brasil. Esse debate é amparado pelas leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que tornam obrigatório o ensino de arte afro-brasileira, africana e indígena no ensino básico. “(...) que estimulam a valorização, o respeito e o reconhecimento da contribuição das populações negras, pardas e ameríndias para a formação da sociedade brasileira.” (JUNIOR, 2018, p.22)

A Lei de 11.645/2008<sup>10</sup> prevê:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.”

A importância de abordar esses pontos em aulas de arte, recorda-me um momento durante a graduação em que realizei uma atividade de produção visual, um documentário, onde o foco foi adentrar nesses espaços de diálogo com a dança de rua, o cenário feminino e as visualidades. Dessa realização foram colhidos relatos de reconhecimento, autoestima e resgate. Na voz de mulheres pretas, (dentre as entrevistadas) ao falar de suas experiências e relação com o movimento Hip Hop e a

---

<sup>9</sup> Mogobe Ramose apresenta a filosofia do pluriversal, em contraponto à centralização universal de que existe um único modelo de percepção para identificar um contingente de indivíduos (RAMOSE, 1999).

<sup>10</sup> A Lei de 11.645/2008, em vigência, foi promulgada após a alteração da lei de 2003, que inclui a obrigatoriedade da temática indígena.

dança em suas vidas, ao trazer questões intrínsecas às sociedades marginalizadas pelo racismo e discriminações.

Essa lei é uma conquista frente a um cenário imposto por uma parcela da população brasileira que promove a invisibilidade das contribuições que as populações de povos originários e povos escravizados tiveram sobre as raízes que construíram na nossa sociedade.

Ao relatarem sobre si mesmos, os jovens também foram retirados das ruas e tiveram suas esperanças acendidas, ao encontrar na dança, Hip Hop e no *break*, uma conexão real de identidade e ancestralidade. Um cenário não muito diferente de resultados que podem ser atingidos no ensino de arte, quando esses mesmos jovens têm contato com o movimento de culturas historicamente influentes.

Há um fato curioso nesta pesquisa, quando fui pesquisar sobre o Hip Hop, encontrei o livro “Hip Hop arte-vida-trabalho e experiência docente” (2012) escrito por Vânia Olária, que eu havia guardado para uma possível pesquisa exploratória muitos anos antes desta monografia ser pensada. O livro é fruto de uma minuciosa investigação de campo durante o mestrado da autora, na linha de pesquisa Culturas das Imagens e Processos de Mediação, pela Faculdade de Artes Visuais (FAV-UFG). O trabalho veio da necessidade da autora de “(...) contribuir para a construção de conhecimentos profissionais para as práticas educacionais, na realidade coletiva escolar com jovens do ensino público” (OLÁRIA, 2012) a fim de expandir os sentidos de experiências docentes na escola ao trazer pontos importantes a serem estudados.

O livro traz resultados concretos sobre o ensino a partir do universo do Hip Hop aqui na cidade de Goiânia, na Escola Municipal Madre Francisca que fica no bairro da Vila Pedroso. Com ações realizadas na escola e eventos na comunidade. As entrevistas e pesquisas mostram como o movimento e a cultura Hip Hop têm importante influência na vida dos jovens, essa influência pode ser percebida nos estilos desses jovens se vestirem, em suas visões sobre a sociedade e em suas vivências em arte.

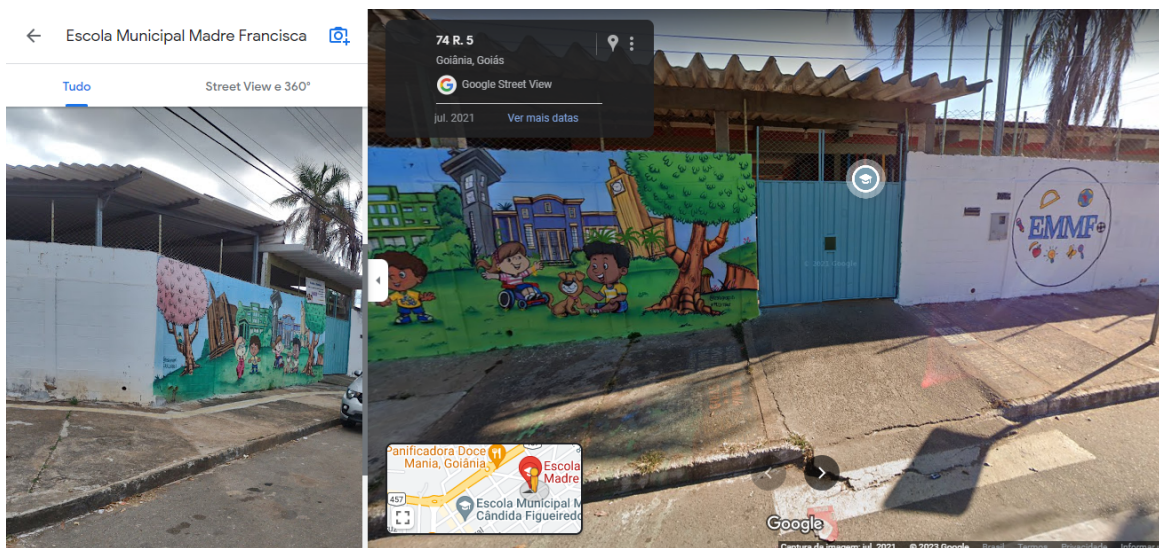


Figura 7: Imagem retirada do Google Maps, da fachada da Escola Municipal Madre Francisca. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Escola+Municipal+Madre+Francisca/@-16.6592294,-49.1806663,3a,75y,248.32h,78.47t/data=!3m6!1e1!3m4!1sipbsr64yQafNGFIBULfTDA!2e0!7i16384!8i8192!4m5!3m4!1s0x935eee74330e7423:0x47f227cff3a4b802!8m2!3d-16.6591334!4d-49.1808643>. Acesso em: 24 de fev. 2023.

Portanto, com tudo que foi apontado até aqui, percebemos que a proposta transdisciplinar do Hip Hop contribui para englobar e “(...)propor aos indivíduos dimensões significativas de sua realidade(...)” (FREIRE, 1987, p.61) e tudo que o permeia as realidades e as partes que compõem o indivíduo e o coletivo socialmente, adentrando na complexidade de fatores indispensáveis de serem debatidos. Pois esse movimento é, sem dúvida, um recurso sócio-político para fomentar experiências nos jovens em escolas nos quais me vi refletida.

### **Seção 3: REVERBERAÇÕES CONCLUSIVAS**

Encontrar a transdisciplinaridade foi como uma resposta para algumas ideias que ainda estavam nubladas, que pareciam muito distantes, mas carregam tanta potência! Potência por suas perspectivas subjetivas, por suas possibilidades no ensinar e no aprender, na criação de espaços que transcendem e valorizam o ensino com um pouco mais de movimento.

Ressalto que a proposta não se limita somente a escolas públicas ou a um determinado contexto específico: é uma possibilidade para a educação e várias abordagens. Por mais que o espaço de trabalho do professor(a) não se aproxime diretamente do contexto social em que o movimento Hip Hop é mais pulsante, ainda sim, a proposta é fundamental e que auxilia no resgate histórico de culturas afro-brasileiras e africanas e promove um potencial diálogo entre prática pedagógica e a contemporaneidade.

Fica evidente a necessidade de aproximar a escola da realidade e vivências das(os) alunas(os): o ensino apresenta uma carência de abordagens que dialoguem com o corpo e vivência, um ensino que vá além da tradicional separação das disciplinas e revele este momento, “de grande e extrema oportunidade para se catalisar mudanças educacionais importantes, transformar a maneira como pensamos e concebermos a escola, a educação e a própria vida.” (MORAES, 2003, p. 167). As ideias propostas podem refletir não somente sobre o passado, mas suas fortes influências no presente, sobretudo em um momento no qual as pautas sobre racismo e desigualdade social estão ascendentes.

Essas reflexões sobre novas formas de ver e perceber a escola e o ensino trazem possibilidades de resgatar alguns interesses que foram perdidos no decorrer da formação básica, tanto em alunos(as) quanto em professores(as). A transdisciplinaridade pode ser “(...) uma resposta mais revolucionária, porém é ainda uma utopia que devemos trabalhar para alcançar.” (MUNANGA, 2005, p.76)

Alcançar essa utopia demandaria muitos movimentos pró transdisciplinaridade, o que ainda não é uma realidade, porém desde o ponto em que essa perspectiva mostra caminhos alternativos a um ensino libertador, é muito importante pensarmos e repensarmos os modos de educação como Bell Hooks nos alerta: “(...) um ensino que

permita as transgressões – um movimento contra as fronteiras e para além delas. É esse movimento que transforma a educação na prática da liberdade.” (hooks, 2013, p.24)

O movimento Hip Hop é "a arte como objeto de transformação social". (FONSECA, 2021, p.5), uma via de acesso fundamental à educação como ferramenta para mudanças. Uma educação que leve não só a reflexões, mas autorreflexão que visem a uma formação com o objetivo de construir uma consciência crítica acerca das constatações sociais de discriminação, violência e intolerâncias. Compreendendo que uma parcela significativa da população é refém de experiências desagradáveis, criminosas e desumanas. Para que efetivamente esse cenário mude, o pensar em concordância com a formação de indivíduo, em pleno exercício individualmente e coletivamente, mais humano e ético se faz essencial.

Os espaços de ensino são como territórios onde se criam diversas formas de se relacionar com outros territórios e com o mundo. No ensino de arte isso não seria diferente, já que é um espaço com importante papel de estimular a criação e senso crítico e a sensação de pertencimento, para as pessoas pretas se verem em uma cultura ou arte. O Hip Hop como possibilidade de ensino de arte pode trazer impactos importantes na vida de crianças e jovens por todo Brasil, para além da identificação de meninos e meninas pretos e pretas, periféricos ou não, de escolas públicas ou particulares, mas também para uma construção de sujeitos mais éticos em relação às questões étnico-raciais.

A transdisciplinaridade é uma temática urgente e importante que propicia uma vivência em diálogos holísticos, substancialmente por ser uma área do conhecimento com potencial criador e transformador. Por ainda ser uma proposta utópica é importante olharmos para essa abordagem com tempo e reflexão. Esse tema é fundamental para os desafios contemporâneos e os eventos da atualidade, os debates sobre sociedade, escola, currículos

Como vimos, os tempos transversais presentes da BNCC dão alguns lampejos de transdisciplinaridade, mas ainda mantém as hierarquias das disciplinas (SILVA; ARAÚJO, 2020) com poucas alternativas práticas para a transdisciplinaridade ser

colocada em ação. A ideia de protagonismo presente na BNCC envolve diversos fatores acerca da complexidade humana e pontos importantes para o entendimento de questões que vão além do modelo tradicional escolar com as suas separações entre as áreas do conhecimento.

Quanto à dinâmica da pesquisa, por mais que eu sinta que tenha passado por restrições e por alguns momentos turbulentos, todo o processo se mostrou como uma quebra no sentido das possibilidades. Mostrou-me também como a complexidade anda lado a lado conosco e é essencial para esse processo de se ver e se entender na vida: se relacionar e expor nossas visões de mundo.

Concluir essa pesquisa não parece caber no campo reducionista, ela se desdobra em novos potenciais caminhos. Meu desejo de saber cada vez mais sobre o movimento Hip Hop e suas reverberações no contexto do ensino de arte, só cresceu com essa pesquisa. Me encontrei e reencontrei comigo mesma diversas vezes. As conexões foram acendendo e mostrando que as possibilidades não chegaram ao fim.

Em termos acadêmicos, espero que esta pesquisa sirva de material norteador para futuras práticas docentes transdisciplinares que usem o Hip Hop como possibilidade de ensino. Penso que, como pesquisadora, diante do curso da vida devo seguir desbravando territórios que ainda pouco conheço, seguindo nesse movimento como uma dança, com improvisos e surpresas. Seguindo este olhar sobre a cultura Hip Hop e a vida, vejo-a como um grito de emancipação e um agente de reconstrução de uma identidade que foi marginalizada, e seu entendimento diante de nossa própria história e relações com o mundo.

## REFERÊNCIAS:

Afonso Carlos Neves Neuro. **Neuro-humanidades Aula 5 - Transdisciplinaridade - Níveis de Realidade.** Há 3 anos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kYI7HqFkKrs> Acesso em: 18 jan. 2023.

APRENDI LÁ. **“DANÇAS URBANAS - Street Dance - O que são?”.** YouTube, 10 de julho de 2021. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=Y3GFgGQsfJ4>. Acesso em :15 dez. 2022.

ATKINSON, Dennis. **O evento da aprendizagem: Políticas e a verdade na Arte e Educação em Arte.** Goldsmiths University of London. 2012. Tradução: Diego Machado - 2013.

AUGÉ, Marc. **NÃO LUGARES Introdução a uma antropologia da supermodernidade.** 9. ed. tradução Maria Lucia Pereira. - Campinas, SP: Papyrus, 1994.

BRASIL. MEC. Disponível em <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 13 nov. 2022.

BRASÍLIA. 10 de março de 2008; 187ª da Independência e 120ª da República. Presidência da República Casa Civil. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm) . Acesso em: 10 jan. 2023.

COLL, Agustí Nicolau et al. **Educação e Transdisciplinaridade II.** UNESDOC, Biblioteca Digital.Oficina Nacional en el Brasil, Universidade de São Paulo.2002. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000129707>. Acesso em: 3 nov. 2022.

DIAS. Cristiane. C. **A Pedagogia Hip Hop: Consciência, resistência e saberes em luta.** Curitiba: Appris, 2019.

DJ SOUND.Disponivel em: <https://www.djsound.com.br/sobre-a-dj-sound/>. Acesso em: 19 jan. 2023.

FRANCO, Nádia. **Base curricular deve ajudar a recuperar atrasos na aprendizagem.** Agência Brasil, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-09/base-curricular-deve-ajudar-recuperar-atrasos-na-aprendizagem#:~:text=A%20BNCC%20entrou%20em%20vigor,foi%20tamb%C3%A9m%20impactada%20pela%20pandemia>. Acesso em: 17 jan. 2023.

FREITAS, Lima; MORIN, Edgar; NICOLESCU, Basarab. **Carta de Transdisciplinaridade**. Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, Convento de Arrábida, Portugal, 2-6 novembro, 1994. Disponível em: <http://www.cetrans.com.br/assets/docs/CARTA-DA-TRANSDISCIPLINARIDADE1.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2023.

**EDUCAÇÃO E TRANSDISCIPLINARIDADE.**  
<://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000127511>

ENGENHANDO, **DOCUMENTÁRIO SOBRE DANÇAS URBANAS | STREET DANCE | URBAN DANCE**. YouTube, 17 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q0T7lwgte5s>. Acesso em: 15 dez. 2022.

FILHO, João. BASSO, Nara. BORES, Regina. **Transdisciplinaridade: A natureza íntima da educação científica**. Repositório Institucional, EDIPUCRS, 2015.

FLORES, José F. GALLON, Monica. FILHO, João B. R. **A arte de transitar entre o uno e o múltiplo: Atitude transdisciplinar e fenomenologia no Ensino de Ciências**. PUCRS, vol.18. ed 2. 2017.

FONSECA, Gabriel de Lima. **PEDAGOGIA HIP-HOP: A CULTURA COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL**. Porto Alegre, dezembro de 2021. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GARAUDY, Roger. 1913. **Dançar a Vida / Roger Garaudy, prefacia de Maurice Bédard : Tradução de Antonio Guimarães Filho e Glória Mariani**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

GUARATO, Rafael. **Dança de rua : corpos para além do movimento (Uberlândia – 1970-2007) | Rafael Guarato**. Uberlândia : EDUFU, 2008.

**HISTÓRIA: AFRIKA BAMBAATAA FORMA A NAÇÃO UNIVERSAL ZULU**. BYO, Backyard Opera Sydney. 11 out. 2020. Disponível em : <https://www.backyardopera.com/music-17/2020/10/11/history-afrika-bambaataa-forma-universal-zulu-nation-587wp>. Acesso em: 9 jan. 2023.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade/ tradução de Marcelo Brandão Cipolla** - São Paulo : Editora : WMF Martins Fontes, 2013.

JOVENS GÊNIO. **Transdisciplinaridade e BNCC para uma aprendizagem significativa**. You Tube, 17 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w3Pp58MjbS4>. Acessado em: 12 dez. 2022.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. 5. ed. organizada por Lisa Ullmann [tradução: Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Silvia Mourão Netto; revisão técnica: Anna Maria Barros De Vecchi] - São Paulo: Summus, 1978.

LIMA VERDE, Patricia. **BASE NACIONAL COMUM: DESCONSTRUÇÃO DE DISCURSOS HEGEMÔNICOS SOBRE CURRÍCULO MÍNIMO**.

LIMA, Telma. MIOTO, Regina. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Rev. Katál. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007.

MAZZA, Luciana. **UMA VIAGEM AOS PRIMÓRDIOS DO HIP-HOP. STREETOPIA**, 26 mar. 2021.

**Mas, o que é braking?** CBRB, Confederação Brasileira de Breaking. Disponível em: <https://cbrb.org.br/> . Acesso em: 20 jan. 2023.

MOREIRA, Luiz. ROCHA, Tarline. SANTOS, Gisele. **O ENSINO SOBRE AS DANÇAS URBANAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID**.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PINTO, Tainá. **Afrika Bambaataa, entre as gangues e a cultura hip-hop. PRIMEIROS NEGROS**. Disponível em: <https://primeirosnegros.com/afrika-bambaataa/>. Acesso em: 9 jan. 2023.

**RACIONAIS: Das ruas de São Paulo para o mundo**. VICENTE, Juliana. NETFLIX, 16 nov. 2022. 1h 56min. Disponível em: <https://www.netflix.com/search?q=racionais&jbv=81082516>. Acesso em: 7 jan. 2023.

RAMOS, Conceição. **Artes visuais e transdisciplinaridade na era da complexidade – uma prática pedagógica continuada**. Revista Lusófona de Educação, núm. 26, 2014, pp. 103-122 .Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, Portugal.

SALDANHA, Ângela; EÇA, Teresa Torres de. **Errar – Partilhar – Aprender. O ensino transdisciplinar e holístico através de técnicas das Artes Visuais (experiências em quatro continentes)**. 283 Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 283-315, maio/ago. 2020.

SALES, Ana Célia Garcia de. **Pichadores e grafiteiros: manifestações artísticas e políticas de preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade de**

**Campinas** - SP. 2007. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas. Campinas,2007.

SANTANA, Moisés. **DIVERSIDADE CULTURAL, EDUCAÇÃO E TRANSCULTURALISMO CRÍTICO – UM RASCUNHO INICIAL PARA DISCUSSÃO**. Cadernos de Estudos Sociais - Recife, v.25, nº1, p. 097 -106, jan/jun., 2010.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Suzan. **Documentário Dance Funk! (COM LIBRAS)**. YouTube, 12 nov. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BNrSV8vRa4A>. Acesso em: 11 jan. 2023.

SCHEIFER, Camila. **Transdisciplinaridade na linguística aplicada: um processo de desterritorialização – um movimento do terceiro espaço**. UNICAMP, Campinas - São Paulo. RBLA, Belo Horizonte, v.13, n.3, p. 919-939, 2013.

SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular**. Trad.: Gisele Domschke. São Paulo: Ed. 34, 1998.

SILVA, Ueliton. **EDUCAÇÃO DECOLONIAL: FORMAÇÃO CRÍTICA EM MOVIMENTO**. UNIRB [Bahia], s.n. [2020?].

SILVA; Priscila. ARAÚJO, Flávia. **Porque temas transversais não significam transversalidade (ou transdisciplinaridade)?**. Research, Society and Development, v. 9, n. 9, e37996677, 2020.

SIQUEIRA JUNIOR, Kleber Galvão de. **A Pedagogia Hip Hop e o ensino culturalmente relevante em história: novas estratégias didáticas para o ensino fundamental em escolas públicas de São Paulo**. 236f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2018.

Site : **Escola do Futuro**. Disponível em: <https://efg.org.br/component/tags/tag/basileu-franca>. Acesso em: 2 nov. 2022.

SOMMERMAN, A. **Inter ou transdisciplinaridade? Da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre os saberes**. São Paulo: Paulus, 2006.

WEINTRAUB, Fabio. **LITERATURA E TRANSDISCIPLINARIDADE**. Coletivo leitor, 2020. Disponível em: <https://www.coletivoleitor.com.br/literatura-e-transdisciplinaridade>. Acesso em: 30 out. 2022.